

Gesselda Somavilla Farencena
gesseldaf@yahoo.com.br

Cristiane Fuzer
crisfuzer@yahoo.com.br

A representação dos personagens Lobo e Cordeiro nas fábulas de Esopo e Millôr Fernandes

The representation of the characters in the Wolf and the lamb in Aesop's and Millôr Fernandes' fables

RESUMO – Neste trabalho, sob o enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional, analisa-se a linguagem da fábula O Lobo e o Cordeiro em duas versões: uma escrita por Esopo; outra reescrita por Millôr Fernandes. Objetiva-se analisar as representações dos personagens Lobo e Cordeiro construídas pelos autores em cada uma das fábulas. Considerando que é por meio da metafunção ideacional experiencial que são construídas as representações de mundo e da experiência, utiliza-se o embasamento teórico de Halliday e Matthiessen (2004) sobre o sistema de transitividade. Do ponto de vista metodológico, focalizam-se a identificação e classificação dos processos e participantes e, em seguida, faz-se a discussão dos dados encontrados. A análise desses dados revela que, na fábula de Millôr Fernandes, Lobo e Cordeiro representam-se como Meta em relação ao outro, enquanto que o narrador apresenta o Lobo em orações comportamentais e orações verbais como inferior ao Cordeiro. Na fábula de Esopo, o narrador também representa o Lobo e o Cordeiro em posições alternadas de Meta e Ator, porém, o Lobo é representado, desde o início, como injusto e superior ao Cordeiro.

Palavras-chave: fábula, representação, transitividade.

ABSTRACT – In this work, under the focus of Systemic Functional Grammar, the language of the fable The Wolf and the Lamb is analyzed in two versions: one written by Aesop; another rewritten by Millôr Fernandes. The aim is to analyze the representations of the characters Lewis and Lamb, constructed by the authors in each of the fables. Taking into account it is through experiential ideational metafunction that the world-views and experiences are built, we use the theoretical basis of Halliday and Matthiessen (2004) about the system of transitivity. From a methodological perspective, we focus on the identification and classification of processes and participants, followed by a discussion of the data. The analysis of these data reveals that in the fable by Millôr Fernandes Wolf and Lamb are represented as a Target for the other, while the narrator introduces the Wolf in behavioral and verbal clauses as inferior to the Lamb. In Aesop's fable, the narrator also represents the Wolf and the Lamb in alternate positions of Target and Actor; however, the Wolf is taken as cruel, unfair and superior to the Lamb from the very beginning.

Key words: fable, representation, transitivity

Introdução

Poucos são os textos que permanecem vivos e populares como a fábula, mesmo após decorridos vários séculos. Embora constituam textos arcaicos, ainda hoje são bastante significativos e valorizados, atraindo a atenção de autores, leitores e pesquisadores. Esse fato pode ser observado na variedade de autores contemporâneos que se dedicam à produção desse gênero, citando Jô Soares, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes. Seus leitores são indistintos e seu estudo tem despertado o interesse de pesquisadores em diferentes áreas, como Psicologia, Educação, Literatura e Linguística. Dentre eles, destacam-se os que se dedicam ao estudo comparativo, variando os enfoques, de fábulas clássicas e contemporâneas, tais como Rocha Júnior (2009), Santos (2007) e Barros (2002).

A compreensão da natureza da linguagem nos mais diversos textos que circulam na sociedade por diferentes meios e em diferentes épocas é uma das diversas aplicações da Linguística Sistêmico-Funcional. O estudo do funcionamento do sistema linguístico em textos literários, embora incipiente nesse campo, tem contribuído para a interpretação dos significados desses textos. Um exemplo é o trabalho de Konder (2008), que apresenta resultados de análises comparativas entre romances da literatura inglesa, com base em categorias da Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994).

Utilizando aspectos da teoria sistêmico-funcional, analisamos, neste trabalho, a linguagem usada em duas versões da fábula *O Lobo e o Cordeiro*: a criada originalmente, na Grécia do século VI a.C., por Esopo, traduzida diretamente do grego para o português por Smolka (1995),

e a revisitada pelo escritor brasileiro Millôr Fernandes (2007) cerca de vinte e cinco séculos depois.

Com o propósito de compreender o funcionamento da linguagem nesse gênero textual, analisamos como os personagens Lobo e Cordeiro são representados nessas duas fábulas. Para tanto, adotamos o suporte teórico da Gramática Sistemico-Funcional hallidayana (doravante GSF), especificamente o sistema de transitividade (Halliday e Matthiessen, 2004), o qual fornece subsídios necessários para a identificação, classificação e análise das orações que materializam a representação de experiências em forma de textos.

A seguir, apresentamos considerações sobre o gênero fábula e as categorias léxico-gramaticais do sistema de transitividade da GSF. A partir da identificação dos papéis léxico-gramaticais desempenhados pelos participantes em questão, partimos para a discussão e interpretação dos dados obtidos.

O gênero fábula

Composta por pequenas histórias em que deuses, homens e animais “conversam e discutem principalmente sobre problemas de moral prática” (Smolka, 1995, p. 4), a fábula é dotada de uma linguagem metafórica (Coelho, 1984). Utilizando-se de imagens, símbolos e alegorias, por exemplo, traduz valores que se pretendem ser assimilados por seus ouvintes/ leitores.

Advinda etimologicamente do latim “*fari*” = “falar” e do grego “*phaó*” = “dizer, contar algo” (Coelho, 1984, p. 115), originalmente, a fábula era um texto oral contado às pessoas em situações informais do dia a dia. Buscando condenar usos, costumes, comportamentos e condutas, afirma Salem (1970), a fábula desenvolveu-se como uma literatura crítica e moralista, com o intuito de ensinar o homem a viver de maneira virtuosa.

De acordo com Smolka (1995), a fábula é um texto predominantemente narrativo que descende do conto, uma das formas de expressão mais antigas da humanidade e seria originária da Ásia Menor. Mais tarde, teria se espalhado pelas ilhas gregas, até chegar ao continente helênico. Contudo, a criação da fábula é atribuída à Grécia, devido ao fato de ter sido lá que adquiriu destaque, popularidade e reconhecimento como um texto específico. Amplamente cultivada por Esopo, a fábula foi, alguns séculos depois, conforme Coelho (1984), aperfeiçoada pelo romano e também escravo Fedro, que a enriqueceu linguisticamente. Mais tarde, a fábula foi revisitada pelo autor francês La Fontaine, consolidando-a na cultura ocidental.

Revelando preocupação com as ações humanas, a fábula retrata valores gerais, como vícios, fraquezas, virtudes e desejos do homem, o que faz com que ela resista ao tempo e continue pertinente em qualquer época, como salienta Coelho (1984). As fábulas modernas, no entanto, principalmente as de Millôr Fernandes, embora conservem a formatação original, com a personificação de animais, narrativas simbólicas e a sentença correspondente à moral como fechamento, diferem quanto ao objetivo. A preocupação primeira com o ensinamento de caráter cede lugar agora à preocupação reflexiva, humorística, irônica e à preocupação com o entretenimento.

Enfim, podemos dizer que a fábula constitui-se de um texto em que situações, ações e acontecimentos do dia a dia, do mundo real, são retratados ou reproduzidos com personagens variados, mas que sempre simbolizam comportamentos e condutas humanas. A partir dessas representações¹, busca-se a crítica às mazelas da sociedade, do “homem humano”, nas palavras de Fiorin e Savioli (2003), a reflexão e a recuperação do homem e do seu caráter, na fábula de Esopo, e a ironia e sarcasmo na de Millôr Fernandes.

Representações podem ser identificadas e analisadas com base na Gramática Sistemico-Funcional. Nessa perspectiva, “como executantes e receptores, nós simultaneamente comunicamos e interagimos por via da linguagem; e como condição necessária de ambos os casos, criamos e reconhecemos o discurso” (Halliday, 1976, p. 160). O discurso, entendido por Fiorin (1993) como sendo as combinações entre os elementos linguísticos usados pelos falantes/autores com o propósito de exprimir seus pensamentos e de falar de seus mundos exterior e interior, permite agir sobre o mundo.

Na visão bakhtiniana, os componentes do discurso, que são os enunciados, sempre únicos e particulares, ao mesmo tempo em que expressam algo já existente no mundo, na experiência, também criam algo inédito, inexistente até então, mas ainda assim ligado a algum sistema de valor. Isso porque, afirma Bakhtin (1999, p. 326), “alguma coisa é criada sempre a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um fenômeno vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado”.

Assim, para identificarmos os recursos léxico-gramaticais utilizados para a construção das diferentes representações possíveis da experiência humana, especificamente dos personagens Lobo e Cordeiro, em duas versões da fábula *O Lobo e o Cordeiro*, utilizamos categorias

¹ Estudos sobre o papel da linguagem no processo de representação em contextos específicos têm sido realizados por diversos pesquisadores da linguagem, como Fuzer (2008), Bortoluzzi (2008), Carmo (2008), Silva (2007) e Moreira (2007). Neste trabalho, representação está relacionada ao processo de escolhas léxico-gramaticais que, no nível da oração, manifestam experiências do mundo interno e externo, materializando a metafunção ideacional da linguagem. Neste sentido, analisamos as escolhas léxico-gramaticais dos fabulistas para representar as experiências dos personagens.

do sistema de transitividade, por meio do qual se realiza a metafunção experiencial da linguagem, subdivisão da metafunção ideacional, responsável pela construção e expressão da experiência humana.

Gramática Sistêmico-Funcional: metafunção ideacional

Usa-se a linguagem para interagir com as pessoas e falar sobre o mundo – externo, como coisas, acontecimentos; interno, como pensamentos, crenças e sentimentos. Esse é um dos princípios fundamentais da teoria hallidayana. Em conformidade com Thompson (2004), ao ser proferida, a mensagem transmite um conteúdo que carrega uma finalidade, a qual é responsável, em grande parte, pelas escolhas que os indivíduos, na posição de autores, fazem dentre muitas alternativas que têm à sua disposição. Em outras palavras, a linguagem compreende um conjunto de recursos que permite referir-se ao mundo e às entidades que dele fazem parte, manifestando desde suas existências até as relações que se estabelecem entre elas. Trata-se da metafunção ideacional da linguagem.

Essa metafunção divide-se em dois tipos: experiencial, realizada pelo sistema de transitividade, no nível da oração e lógica, que se realiza no complexo oracional. Segundo Halliday (1989), a metafunção experiencial é a função da aprendizagem e do pensamento e, por meio dela, é possível compreender a relação entre um processo e outro ou um participante e outro, que compartilham a mesma posição no texto. A seguir, apresentamos o seu principal sistema, o de transitividade.

Sistema de transitividade

O sistema de transitividade se constitui de três componentes: processo, participante e circunstância. A partir da escolha de um grupo verbal que realiza um determinado tipo de processo, serão determinados os papéis desempenhados pelos participantes. Considerando que há seis tipos de processos (material, mental, relacional, verbal, comportamental e existencial), diferentes participantes, conseqüentemente, são nomeados – como se observa nos exemplos que utilizamos a seguir, extraídos das fábulas analisadas.

Os processos materiais representam, segundo Halliday e Matthiessen (2004), ações físicas em que o praticante agente denomina-se Ator e o participante a quem a ação expressa pelo processo afeta é denominado Meta, como em *Mas como posso eu sujar a sua água*, em

que *eu* (o Cordeiro) é Ator, que realiza a ação expressa pelo processo *sujar*, que, por sua vez, afeta *sua água*, configurando-a como Meta. Em alguns casos, porém, além desses, outros participantes podem estar envolvidos, tais como o Escopo e Beneficiário.

O Escopo ocorre quando o participante não é afetado pelo processo, como na oração *Vais pagar com a vida esse feio crime*, em que *feio crime* é Escopo, já que a ação de efetuar um pagamento sugerida pelo processo *pagar* não lhe causa modificação. O participante Escopo divide-se, ainda, em Escopo-Processo e Escopo-Entidade. O primeiro ocorre quando o participante completa o sentido do processo (também chamado de processo “vazio”), como em *faço-lhe uma proposta*, que pode corresponder a *proponho-lhe*. O segundo, o Escopo-Entidade, corresponde àquele que tem existência independente do processo, mas indica o domínio no qual o mesmo processo se realiza, como se observa em *[o cordeiro] tentando ganhar tempo*, em que *tempo* é o Escopo-Entidade do processo material *ganhar*, pois tem existência independente dele.

Já Beneficiário é o nome dado ao participante beneficiado de alguma forma pelo processo. O Beneficiário pode ser Receptor, quando recebe um produto, como em *E isso lhe deu muito mais dinheiro*², em que *lhe* (o dono da galinha) é o Receptor, pois foi beneficiado com *muito dinheiro* pela ação expressa pelo processo material *deu*; ou Cliente, quando é beneficiado com serviços, como em *pediu primeiro que lhe fosse dado um prazo*, sendo *lhe* [o devedor] o Cliente beneficiado pelo serviço prestado de conceder-lhe *um prazo*, expresso pelo processo material *dado*³.

Além dos materiais, há os processos mentais, que expressam o que se passa no mundo interno, no mundo cognitivo, onde o participante dotado de consciência constitui o Experienciador (pode ser um ser humano ou o resultado de uma personificação). Aquilo sentido, observado ou compreendido é o Fenômeno, tal como em *[o Cordeiro] sabia seu alemão kantiano*, em que *o Cordeiro* é o Experienciador do Fenômeno *seu alemão kantiano*.

Os processos relacionais, como o nome sugere, estabelecem uma relação entre dois conceitos. Nos processos relacionais atributivos, o Portador é aquele que carrega ou porta o Atributo que é a ele relacionado pelo processo. Um exemplo se observa em *[o Cordeiro] nem estava vivo*, em que *o Cordeiro* é o Portador do Atributo *vivo*, ligados pelo processo *estava*. Nos processos relacionais identificadores, uma entidade é identificada em termos de outra. O Identificado é equiparado ao Identificador, como em *O Marechal Lott é o futuro Presidente da República*, em que *Marechal Lott*⁴ é Identificado em relação ao

² Exemplo retirado da fábula de Millôr Fernandes *A galinha dos ovos de ouro*, presente no livro *Fábulas fabulosas* (Fernandes, 2007).

³ Exemplo retirado da fábula *O ateniense devedor*, presente no livro *Esopo: fábulas completas* (Smolka, 1995).

⁴ Henrique Teixeira Lott (1894-1984) foi um marechal brasileiro que, em 1960, foi postulado candidato à Presidência da República pela coligação governista PTB/PSD, com apoio de Juscelino Kubitschek, mas foi derrotado por Jânio Quadros.

Identificador como *o futuro Presidente da República*. Os processos relacionais podem também ser classificados como circunstanciais, quando indicarem circunstância de tempo, modo, lugar, causa, etc. Em *se estou embaixo da corrente*, em que é atribuído ao Portador Cordeiro um estado espacial (*embaixo da corrente*) como Atributo.

As orações verbais envolvem processos de dizer realizados por um Dizente, que emite uma mensagem, denominada Verbiagem. Na oração “*Que crime?*”, perguntou o cordeirinho, por exemplo, o Dizente é o cordeirinho, e a Verbiagem é *Que crime?*. Frequentemente, o conteúdo do dizer aparece em forma de outra oração, que pode ser uma Citação, como em “*Chega de conversa*”, disse o lobo, ou Relato, como em *E como o outro disse que então nem estava vivo*. Além desses participantes, a oração verbal pode apresentar Receptor e Alvo. Em *O Lobo disse-lhe*, o Receptor é *lhe* (que retoma o Cordeiro), e em *tu insultaste meu pai*, o Alvo do insulto é *meu pai*.

Os processos comportamentais, por sua vez, intermediários aos mentais e materiais, referem-se especificamente aos processos fisiológicos dos Comportantes, como em [*O cordeiro*] *estremeceu*, em que o processo indica um comportamento do Cordeiro. Por fim, os processos existenciais, em número bastante reduzido, representam algo que existe ou que acontece no mundo – *Para sua surpresa, não havia nenhum* [ovo] – em que *nenhum* ovo é o Existente do processo *havia*⁵.

Dado o exposto, a metafunção ideacional experiencial pode ser entendida como a responsável pela manifestação da experiência que o falante/escritor tem do mundo, tanto externo quanto interno à sua consciência, e está ligada ao uso da linguagem como representação, manifestação acerca do mundo.

Metodologia

Com o intuito de verificar como se dá a representação dos personagens Lobo e Cordeiro nas fábulas, selecionamos a fábula *O Lobo e o Cordeiro* tomadas em duas versões distintas: uma delas (Anexo I), originalmente de autoria de Esopo, publicada no livro *Esopo: fábulas completas* (1995), com tradução e organização de Neide Smolka; a outra (Anexo II), uma versão revisitada por Millôr Fernandes alguns séculos após, publicada no livro *Fábulas Fabulosas* (2007), produzido pelo mesmo autor. Ambas apresentam o mesmo cenário – um lobo e um cordeiro que bebem água de um mesmo rio – porém, com desfechos distintos.

Para satisfazer o objetivo deste trabalho, foram elaboradas algumas questões que serviram para orientar a descrição e análise léxico-gramatical, quais sejam:

- Quais são os participantes envolvidos nos processos?
- Que papéis os participantes desempenham nos diferentes tipos de orações?

Em busca das respostas a essas questões, foram definidos alguns procedimentos de análise, que são:

- segmentação das orações que constituem cada texto;
- identificação e classificação dos processos, participantes e circunstâncias;
- exame e interpretação do modo como os participantes em questão – Lobo e Cordeiro – são representados a partir dos resultados obtidos no procedimento anterior de análise.

Para melhor organizar a análise, os exemplos estão numerados e os processos destacados em caixa alta, enquanto os participantes estão sublinhados.

Análise e interpretação dos resultados

Realizando a análise da transitividade, é possível identificar quais são os participantes envolvidos e que papéis desempenham em relação aos processos. Assim, identificamos e analisamos os componentes das orações que constituem o texto de Esopo e o de Millôr Fernandes, para verificar a representação de seus personagens centrais.

A representação dos personagens Lobo e Cordeiro na fábula de Esopo

A fábula de Esopo tem sua narrativa representada predominantemente pela voz do narrador, uma vez que, nas orações verbais, o conteúdo de dizer se apresenta em forma de Relatos. São poucas as ocorrências de Citações; quando ocorrem, têm o Lobo como Dizente. Assim, a partir de Relatos da fala dos personagens e comentários do narrador, as ações e os personagens são representados. O ponto de partida do texto é a representação de experiências do Lobo, que observa e planeja contra o Cordeiro.

(1) Um lobo, ao VER um cordeiro bebendo de um rio, RESOLVEU utilizar-se de um pretexto para DEVORÁ-lo.

As duas primeiras orações mentais do fragmento acima têm como Experienciador o Lobo. A partir da experiência vivida por ele, expressa pelos processos *ver* e *resolveu*, as ações que aparecem na sequência são desencadeadas. Após presenciar a ação do Cordeiro, o Lobo

⁵ Exemplo retirado da fábula de Millôr Fernandes *A galinha dos ovos de ouro*, presente no livro *Fábulas fabulosas* (Fernandes, 2007).

toma uma decisão que implica um processo material: devorar o Cordeiro que, de Ator do processo *bebendo*, passa a ser Meta, expressa pelo pronome *lo*. A escolha do Fenômeno *pretexto* põe em evidência, desde o princípio da fábula, o caráter condenável do Lobo, pois mesmo não tendo motivo algum, inventa motivos (“pretextos”) para matar o Cordeiro.

Fazendo jus a essa representação, *o pretexto* é apresentado, revelando a alternância dos papéis léxico-gramaticais:

(2) Por isso, tendo-se colocado na parte de cima do rio, [o Lobo] COMEÇOU A ACUSÁ-lo de sujar a água e IMPEDI-lo de beber.

Inicialmente, o Lobo é posto em cena como o Dizente, enquanto o Cordeiro (retomado na primeira ocorrência de *lo*) é o Alvo do processo que expressa acusação. Logo em seguida, o Cordeiro, de Alvo, passa a ser Ator dos processos *sujar* e *impedir*, ao passo que o Lobo, de agente que profere a acusação, passa a ser Meta (segunda ocorrência de *lo*). Com essas escolhas léxico-gramaticais, o narrador constrói a representação do Lobo como aquele que acusa o Cordeiro de realizar ações que o prejudicam.

Semelhantes a essas, outras situações de alternância de papéis léxico-gramaticais ocorrem na fábula. Lobo é representado como injusto e naturalmente superior, buscando sustentar sua insustentável razão; o Cordeiro, na posição de vítima, tenta salvar-se, apresentando argumentos para isso. Nesse contexto, tem-se a configuração da estrutura argumento *versus* contra-argumento: possuindo opiniões e posicionamentos diversos, um busca convencer o outro do contrário, o que se verifica nas passagens a seguir:

(3) Como o cordeiro dissesse que bebia com as pontas dos beiços e não podia, ESTANDO embaixo, SUJAR a água que vinha de cima, o lobo [...] DISSE: “Mas, no ano passado, tu INSULTASTE meu pai”.

(4) E como o outro dissesse que então nem ESTAVA vivo, o lobo DISSE: “Qualquer que SEJA a defesa que APRESENTARES, eu não DEIXAREI de COMER-te”.

Em (3), a oração relacional circunstancial *estando embaixo* situa espacialmente o Cordeiro. Justamente a circunstância (*embaixo*) serve de argumento contra a acusação de que seria Ator do processo *sujar*. Percebendo que seu *pretexto* inicial havia sido anulado, o Lobo acusa o Cordeiro de ser o Dizente do Processo Verbal *insultaste*, que teria seu pai como Alvo. Precisando mais uma vez ser inocentado, em (4), uma oração relacional é novamente empregada como conteúdo do dizer do Cordeiro. Dessa vez, não estar vivo é a condição atribuída ao Cordeiro, já que não havia nascido ainda no momento referido, o que tornaria impossível a veracidade do novo motivo apresentado pelo Lobo.

Mais uma vez o Lobo, diante da queda de seus argumentos e da convicção de seu objetivo – comer o Cordeiro – contra-argumenta, encerrando a narrativa com a oração relacional que atenta para a questão de que, independentemente da defesa que o Cordeiro vier a formular, ele não deixará de ser a Meta do processo *comer*, do qual o Lobo é o Ator.

As orações proferidas pelo Lobo, apresentadas no fragmento (4), fornecem a essência da fábula e da representação dos personagens. O Cordeiro é representado como injustiçado e impotente, pois, embora aja correta e eticamente, suas ações são distorcidas e desprezadas. O Lobo tem sua representação como injusto e, ainda que aja e pense em desacordo com os princípios morais, é beneficiado e se sobressai. Na moral – *A fábula mostra que, ante a decisão dos que são maus, nem uma justa defesa tem força* – isso é retomado, consolidando a crítica à supremacia do mal em relação ao bem, tema que subjaz a fábula.

A representação dos personagens Lobo e Cordeiro na fábula de Millôr Fernandes

A fábula de Millôr Fernandes é introduzida com o Cordeiro praticando a ação que desencadeia a narrativa, expressa na oração material: *ESTAVA o cordeirinho BEBENDO água*. Diferentemente da fábula de Esopo, o Experienciador é o Cordeiro, como se verifica na oração *quando VIU refletida no rio a sombra do Lobo*. Verificamos, assim, um contraste na estrutura léxico-gramatical que introduz as fábulas em questão. Na fábula de Esopo, as ações são narradas a partir das experiências do Lobo, ao passo que na versão de Millôr, as ações são representadas a partir das experiências do Cordeiro.

Na sequência do texto de Millôr, há uma série de orações verbais, em que Cordeiro e Lobo se alternam como Dizentes, como mostram os fragmentos (5) e (6):

(5) “Mas como posso eu sujar a sua água, se estou debaixo da corrente?”, tornou a ARGUMENTAR o cordeirinho.

(6) “Por mais limpo que esteja um cordeiro, é sempre sujo para um lobo”, RETRUCOU o lobo.

Os conteúdos de dizer das orações verbais aparecem, ao longo do texto, principalmente em forma de Citações, configurando o diálogo entre os personagens. Nas Citações que têm o Lobo como Dizente, predominam orações relacionais com Atributos para o Cordeiro (*sujo*) e para o próprio Lobo (*arbitrário*). Nas Citações que têm o Cordeiro como Dizente, nas orações relacionais são apresentados Atributos que funcionam como argumentos de defesa do Cordeiro, tais como: *estou debaixo da corrente* (oração relacional circunstancial) e *tenho direito a três perguntas* (oração relacional possessiva).

Além de orações verbais, há recorrência de processos comportamentais que têm como participantes o Cordeiro e o Lobo, tais como:

(7) [o Cordeiro] ESTREMECEU, ao mesmo tempo em que ouvia a voz cavernosa do lobo.

(8) [o Lobo] PREPARANDO-se para devorá-lo.

No fragmento (7), o processo *estremeceu* revela o sentimento de medo vivenciado pelo Cordeiro. Já feito dessa reação inicial, o Cordeiro adota, como visto na oração (5), enquanto Dizente, outra posição, pontual – *argumentar* e salvar-se daquele que lhe traz ameaça, o Lobo. Este participa de processos comportamentais que dão ideia de um comportamento contínuo – *preparando* – que não se conclui no decorrer da narrativa, o que é confirmado no final da fábula, como se verifica na oração (9):

(9) “Muito bem, muito certo, você ESCAPOU”, deu-se o lobo por vencido.

Na oração (9), tem-se a confirmação de que os argumentos apresentados pelo Cordeiro foram convincentes, dada a declaração do Lobo, expressa pela oração comportamental *você escapou*, no sentido de que os argumentos apresentados pelo Cordeiro o levaram a isso. Essa declaração vem reforçar o sugerido nas orações comportamentais no presente contínuo (*preparando-se*): realmente o ato de devorar o Cordeiro não se concretiza.

A alternância de Cordeiro e Lobo nos papéis de Ator e Meta, assim como ocorre na fábula de Esopo, também se verifica na versão de Millôr. O Lobo coloca-se como prejudicado pelo Cordeiro e utiliza-se dessa condição como justificativa para a perseguição e condenação deste, como se verifica nesta Citação que tem o Lobo como Dizente:

(10) “VAIS PAGAR com a vida esse feio crime. [...] O crime de SUJAR a água que eu BEBO”.

A primeira das orações materiais acima traz o Cordeiro, em eclipse, como o Ator do processo *vais pagar* que, por sua vez, tem o Lobo como seu Beneficiário, já que é a ele que será entregue, como pagamento, a vida do Cordeiro. Este, ao mesmo tempo em que é Ator do processo material em questão também é, de certo modo, afetado, pois será morto. Logo em seguida, no entanto, essa situação se inverte. O Cordeiro passa a ser o Ator do processo material *sujar*, que tem a *água* como Meta. Ao sujar a água, consequentemente prejudicará o Lobo, que é o Ator do processo material *bebo*. Ou seja, o Lobo torna-se o prejudicado, enquanto o Cordeiro passa a ser o responsável por aquilo que o prejudica, o que é reforçado pelas orações relacionais:

(11) Pois se não FOI você, FOI seu pai, se não FOI seu pai, FOI seu avô, [...]

(12) Por mais limpo que ESTEJA um cordeiro, [um Cordeiro] É sempre sujo para um lobo, [...]

Nas orações presentes em (11), o processo relacional *foi*, que se repete, identifica direta (*você* na posição de Identificado) ou indiretamente (*seu pai*; *seu avô* como Identificado) o Cordeiro como aquele que suja sua água (Identificador). Nas orações relacionais de (12), embora o processo *esteja* relacione ao Portador Cordeiro o Atributo *limpo*, o processo relacional seguinte relaciona ao Cordeiro o Atributo de ser permanentemente *sujo*. Em conjunto, essas orações deixam clara a intenção do Lobo de manter e reforçar a representação feita do Cordeiro como quem o prejudica e, portanto, merece ser punido.

Apresentadas as justificativas para a condenação do Cordeiro, o Lobo participa como Ator de processos que têm o outro como Meta:

(13) [...] eu VOU COMÊ-lo do mesmo jeito, [...]

(14) [...] preparando-se para DEVORÁ-lo.

Em (13), tem-se a sugestão de que os argumentos apresentados pelo Lobo não foram suficientes para sustentar sua tese de que o Cordeiro fosse o responsável por sujar a água que bebe. Em contrapartida, a Circunstância *do mesmo jeito* revela que, independentemente de o Cordeiro ser culpado ou não, será comido. Mais adiante, o próprio Lobo reforça e explica essa sua posição, como se percebe na oração relacional *pois SOU arbitrário*, em que o Lobo atribui a si a característica *arbitrário*, que pode ser relacionado à representação de alguém injusto e sem princípios morais.

O Cordeiro, por sua vez, em posição de fragilidade e, supostamente, de inferioridade e impotência em relação ao Lobo, apresenta-se em permanente defesa. Com esse propósito, utiliza-se, de modo especial, de orações relacionais que configuram estruturas do tipo argumento *versus* contra-argumento, que se repetem nessa versão, à semelhança da fábula de Esopo. Os fragmentos a seguir ilustram essa estrutura argumentativa, em que a acusação é retomada e precede o argumento de defesa do Cordeiro:

(15) Mas como posso eu SUJAR a água, se [o Cordeiro] SOU LAVADO diariamente pelas máquinas automáticas da Fazenda?

(16) Mas como posso eu SUJAR a sua água, se [o Cordeiro] ESTOU debaixo da corrente?

Em (15) e (16), a acusação feita pelo Lobo é contestada pelo Cordeiro. Para isso, contrapõe à possível ação expressa pelo processo *sujar*, da qual seria o Ator, o fato

de ser Meta do também processo material *lavado*, que tem como Ator as *máquinas automáticas da Fazenda* (uma alusão à sociedade industrial contemporânea ao fabulista). Acrescenta o fato de situar-se abaixo de onde estava o Lobo, como revela o processo relacional circunstancial *estando*. Ou seja, como poderia sujar a água se está limpo e se está posicionado abaixo da corrente?

Como já mencionado, no início desta análise, os processos presentes nas orações que trazem a voz do narrador antecipam o desfecho. As representações feitas para os personagens no decorrer da narrativa encaminham para a construção do Cordeiro como inteligente e verdadeiro e, por isso, vencedor – *argumenta, escapou*. Já o Lobo, como quem se deixa influenciar e desvia-se de seus objetivos, é representado como o vencido – *deu-se o lobo por vencido, quando apareceu o caçador e esartejou-o*. Com isso, revela-se, na versão de Millôr Fernandes, um desfecho oposto ao da fábula de Esopo: o Lobo é morto, não o Cordeiro.

Considerações finais

A análise dos papéis léxico-gramaticais desempenhados pelos participantes dos processos nas orações que constituem a fábula *O Lobo e o Cordeiro* de Esopo e de Millôr Fernandes contribuiu para a identificação da representação dos personagens Lobo e Cordeiro feita pelos autores em seus textos.

Em orações materiais, tanto o Lobo quanto o Cordeiro são representados nos papéis ora de Ator, ora de Meta. Isso significa que ora um prejudica, enquanto o outro é prejudicado, e vice-versa. Essa alternância de papéis produz significados distintos. Quando o Cordeiro ocupa a posição de Ator, é caracterizado como aquele que afeta o Lobo de alguma forma. Mas quando o Lobo assume o papel de Ator, na maioria das vezes, a entidade diretamente afetada pelo processo é o Cordeiro.

Algumas escolhas léxico-gramaticais também representam os dois personagens manifestando opiniões, posições e propósitos distintos. Isso é feito por meio de orações verbais, em que os personagens são Dizentes. Na fala atribuída ao Lobo, processos materiais indicam a causa de o Cordeiro ser a Meta do objetivo expresso pelo processo *devorar*, também material. Os argumentos que sustentam esse objetivo são construídos por orações relacionais, como “por mais limpo que *esteja* um cordeiro, é sempre sujo para um lobo”.

No caso do Cordeiro, suas tentativas de defesa, com razões para não ser morto, são construídas, principalmente, por meio de orações materiais que expressam a acusação (“como posso eu *sujar* a sua água”) combinadas com orações relacionais (“*se estou* debaixo da corrente?) que visam a isentá-lo de sua culpa e, como consequência, de sua pena – a morte. A partir disso, pode-se dizer que são as ações concretas dos personagens

que desencadeiam os julgamentos, os quais são ora reforçados ora confrontados por circunstâncias, atribuições ou identificações.

Como peculiaridades de cada uma das fábulas há, na fábula de Esopo, a predominância do Relato, quase todo em terceira pessoa, sendo os poucos casos de Citação reservados ao Lobo. Isso está somado ao fato de que, enquanto na fábula de Millôr Fernandes o participante que a introduz é o Cordeiro, o participante colocado em destaque na fábula de Esopo é o Lobo, já pondo em evidência sua representação como superior e dominante em relação ao Cordeiro, o que é apenas confirmado ao final da narrativa pela consumação de sua morte.

Já a fábula de Millôr Fernandes tem como uma de suas particularidades a ocorrência de orações comportamentais e verbais que trazem a voz do narrador. Esses processos põem em evidência aspectos relevantes da personalidade e do comportamento dos personagens e são extremamente importantes para a construção do Cordeiro como superior ao Lobo, que, na realidade, acaba sendo morto.

Em resumo, as fábulas de Esopo e Millôr Fernandes são estruturadas de modo a culminarem em desfechos distintos. Em consequência, as representações feitas dos personagens Lobo e Cordeiro também divergem: o vencedor torna-se vencido, e vice-versa, revelando uma inversão dos pontos de vista dos fabulistas e dos valores sociais vigentes em cada época. Disso podemos concluir que a linguagem reflete esses valores: na sociedade antiga em que vivia Esopo, o poder era exercido por meio da força física, ao passo que, na sociedade contemporânea em que se situa a fábula de Millôr Fernandes, o poder é exercido por meio da palavra e se sobressai à força.

Referências

- BAKHTIN, M. 1999. *A estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 476 p.
- BARROS, N.C.A. 2002. Lendo a fábula: de Esopo a Jô Soares. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS NEOLATINOS: A LINGUAGEM ATRAVÉS DOS TEMPOS, Santa Maria, 2002. Palestra, s.p.
- BORTOLUZZI, V.I. 2008. “*Que justiça é essa?*” Aspectos teórico-metodológicos da investigação de representações discursivas da justiça em acórdãos de habeas corpus e cartas de leitor. Santa Maria, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 236 p.
- CARMO, C.M. 2008. Representação do Down e conflitos com o diferente: aspectos discursivos do projeto “clarinha”, uma boneca com traços da síndrome de Down. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, 8(1):9-42.
- COELHO, N.N. 1984. *A Literatura infantil: história, teoria, análise*. 3ª ed., São Paulo, Quiron, 198 p.
- FERNANDES, M. 2007. *Novas fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro, Desiderata, 216 p.
- FIORIN, J.L. 1993. *Linguagem e ideologia*. 3ª ed., São Paulo, Ática, 87 p.
- FIORIN, J.L.; SAVIOLI, F.P. 2003. *Para entender o texto*. 16ª ed., São Paulo, Ática, 431 p.
- FUZER, C. 2008. *Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do direito representam atores sociais em um sistema de gêneros*. Santa Maria, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 269 p.

- HALLIDAY, M.A.K. 1976. Estrutura e função da linguagem. In: J. LYONS (org.), *Novos horizontes em linguística*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, p. 134-160.
- HALLIDAY, M.A.K. 1989. Part I. In: M.A.K. HALLIDAY; R. HASAN, *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford, Oxford University Press, p. 3-48.
- HALLIDAY, M.A.K. 1994. *An introduction to functional grammar*. 2ª ed., London, Arnold, 434 p.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. 2004. *An introduction to functional grammar*. 3ª ed., London, Arnold, 689 p.
- KONDER, R.W. 2008. A interpretação de textos literários na perspectiva da Gramática Sistemico-Funcional. In: C.R. CALDAS-COULTHARD; L. SCLIAR-CABRAL, *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis, Editora da UFSC, p. 143-164.
- MOREIRA, M.A. 2007. *Ruptura familiar e pobreza: a gramática da experiência no discurso de adolescentes*. Brasília, DF. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília – UnB, 230 p.
- ROCHA JUNIOR, R.A. 2009. A Grécia pelos olhos de Emília: Lobato e sua leitura da Antiguidade Clássica. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17, Campinas, 2009. *Anais...* Campinas, ALB, 1:1-8.
- SALEM, N. 1970. *História da literatura infantil*. 2ª ed., São Paulo, Mestre Jou, 198 p.
- SANTOS, I.I. 2007. Temas e figuras em versões da fábula 'A galinha dos ovos de ouro'. In: CONGRESSO DE LETRAS DA UERJ SÃO GONÇALO, 4, São Gonçalo, RJ, 2007. *Anais...* Rio de Janeiro, Botelho Editora, p. 1-22.
- SILVA, D.E.G. 2007. Discurso institucional e identidades de moradores de rua: representações na mídia escrita. In: ENCONTRO NACIONAL DE INTERAÇÃO EM LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL, 8, São Paulo, 2007. *Anais...* São Paulo, UFSP. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlc/enil/pdf/Artigo_Denize_Elena_Garcia_da_Silva.pdf. Acesso em: 05/04/2010.
- SMOLKA, N. 1995. *Fábulas Completas: Esopo*. São Paulo, Moderna, 193 p.
- THOMPSON, G. 2004. *Introducing Functional Grammar*. 2ª ed., London, Arnold, 300 p.

Submissão: 23/06/2010

Aceite: 04/08/2010

Gesselda Somavilla Farencena

Universidade Federal de Santa Maria
Rua Amadeu Trevisan, s/n, Bairro São José
98150-000, Pinhal Grande, RS, Brasil

Cristiane Fuzer

Universidade Federal de Santa Maria
Av. Roraima, 1000, Centro de Educação, Prédio 16
Cidade Universitária, Bairro Camobi
97105-900, Santa Maria, RS, Brasil

Anexo I

O LOBO E O CORDEIRO (Esopo)

Um lobo, ao ver um cordeiro bebendo de um rio, resolveu utilizar-se de um pretexto para devorá-lo. Por isso, tendo-se colocado na parte de cima do rio, começou a acusá-lo de sujar a água e impedi-lo de beber. Como o cordeiro dissesse que bebia com as pontas dos beiços e não podia, estando embaixo, sujar a água que vinha de cima, o lobo, ao perceber que aquele pretexto tinha falhado, disse: “Mas, no ano passado, tu insultaste meu pai”. E como o outro dissesse que então nem estava vivo, o lobo lhe disse: “Qualquer que seja a defesa que apresentastes, eu não deixarei de comer-te”.

MORAL: A fábula mostra que, ante a decisão dos que são maus, nem uma justa defesa tem força.

Fonte: Smolka (1995, p. 126).

Anexo II

O LOBO E O CORDEIRO (Millôr Fernandes)

Estava o cordeirinho bebendo água, quando viu refletida no rio a sombra do lobo. Estremeceu, ao mesmo tempo em que ouvia a voz cavernosa: “Vais pagar com a vida esse feio crime”. “Que crime?”, perguntou o cordeirinho, tentando ganhar tempo, pois já sabia que, com o lobo, não adiantava argumentar. “O crime de sujar a água que eu bebo”. “Mas como posso eu sujar a água, se sou lavado diariamente pelas máquinas automáticas da Fazenda?”, indagou o cordeirinho. “Por mais limpo que esteja um cordeiro, é sempre sujo para um lobo”, retrucou o lobo. “Mas como posso eu sujar a sua água, se estou debaixo da corrente?”, tornou a argumentar o cordeirinho. “Pois se não foi você, foi seu pai, se não foi seu pai, foi seu avô, e eu vou comê-lo do mesmo jeito, pois sou arbitrário e, segundo rezam os manuais, só me alimento de carne de cordeiro”, finalizou o lobo, preparando-se para devorá-lo. “*Ein moment! Ein moment!*”, disse o cordeirinho, que sabia seu alemão kantiano. “Dou-lhe toda razão, mas faço-lhe uma proposta: se me deixar livre, atrairei para aqui todo o rebanho”. “Chega de conversa”, disse o lobo. “Vou comê-lo logo e pronto”. “Mas, espere aí”, tentou ainda o cordeiro, “isso não é ético. Eu tenho pelo menos direito a três perguntas”. “Pois bem”, disse o lobo. “Qual é o mais estúpido animal do mundo?”. “O homem casado”, respondeu prontamente o cordeiro. “Muito bem! Muito bem!”, disse o lobo, logo refreando, envergonhado, o seu entusiasmo. “Outra: a zebra é um animal branco de listras pretas ou um animal preto de listras brancas?”. “Um animal sem cor, pintado de preto e branco, pra não passar por burro”, respondeu o cordeirinho. “Perfeito”, disse o lobo engolindo em seco. “Agora, por último: diga uma frase de Bernard Shaw”. “O Marechal Lott é o futuro Presidente da República”, respondeu logo o cordeiro.

“Muito bem, muito certo, você escapou”, deu-se o lobo por vencido. E já se ia preparando para comer o cordeiro, quando apareceu o caçador e o esquartejou.

MORAL: Quando o lobo tem fome não se deve meter em filosofias.

Fonte: Fernandes (2007, p. 186-187).